

A rotina como estrutura do tempo: O cavalo de Turim de Béla Tarr

'The Turin horse' from Béla Tarr

ANA VIEIRA RIBEIRO*

Artigo completo submetido a 24 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014.

*Portugal, pintora, arquitecta. Licenciatura em Arquitectura (pré-bolonha), pela Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura (FAUTL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL) Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: ana.vieiraribeiro@gmail.com

Resumo: Béla Tarr, naquele que declara ser o seu último filme — *O cavalo de Turim* — fala de questões existencialistas, convidando ao questionamento acerca da forma como cada momento é vivido e propondo o envolvimento com o tempo. Apõe o episódio verídico de Nietzsche, quando este, em Turim, vê a sua vida irremediavelmente transformada, com a história de um pai e duma filha que vivem absortos na sua rotina quotidiana.

Palavras chave: time / end / quotidian / routine / Béla Tarr.

Abstract: Béla Tarr, in his self-proclaimed last movie — *The Turin horse* — speaks about existential matter, inviting us to question about how every moment is lived, proposing an engagement with time. Affixes the true Nietzsche episode, when in Turin, he sees his life irrevocably changed, with the story of a father and daughter with a living engrossed in their daily routine.

Keywords: time / end / quotidian / routine / Béla Tarr.

Introdução

Naquele que afirma ser o seu último filme, *O cavalo de Turim* (2011) e claramente não tão preocupado com questões da ordem da sobrevivência mais básica, o discurso de Béla Tarr torna-se existencial, convidando o espetador ao questionamento das ações do quotidiano e ao envolvimento com o tempo. Este tema

de cariz metafísico, é consentâneo com a nova fase da sua vida, de autor reconhecido internacionalmente, e também com o evoluir político, económico e social do seu país, a Hungria. Demonstra, desta forma preocupações bastante diferentes das dos seus primeiros filmes que evidenciavam os problemas das famílias, da habitação e da política na Hungria sob a influência extremista soviética, assim como da visão transmitida pelos seus filmes após a libertação desse regime, que contam as desilusões duma mudança política e social que foi muito esperada e prometida mas que não trouxe grandes melhorias ao país.

Desenvolvimento

1. Momento de mudança — a loucura de Nietzsche

O cavalo de Turim, contém na sua narrativa, duas histórias distintas que numa visão de conjunto permitem perceber a mensagem do cineasta, conforme será explanado. Assim, no prólogo, sob um ecrã negro, é narrado o episódio verídico passado com Nietzsche, quando este em Turim impede o espancamento de um cavalo. Depois desse dia, Nietzsche terá passado o resto da vida «dócil e demente, entregue aos cuidados da mãe e das irmãs» (Béla Tarr, 2011a). Este curto episódio, que não volta ser mencionado, irá contaminar a experiência de visionamento da história seguinte, tanto pela simples referência ao filósofo que de imediato remete o espectador atento para o universo dos seus pensamentos, como pela própria situação retratada, que se demonstrará como uma parábola à restante narrativa.

O título, *O Cavalo de Turim*, é também ele uma referência ao prólogo e não à história central do remanescente filme, conferindo desta forma, relevância ao episódio inicial e sugerindo que não existe uma separação tão latente, como inicialmente possa parecer, entre as duas histórias.

2. A rotina como caminho para a morte

A segunda narrativa é apresentada através de Ohlsdorfer e da sua filha, testemunhando-se o seu quotidiano, no qual executam as rotinas diárias (Figura 1). Quase sem falar, quase sem se tocar, as personagens vivem na frugalidade, sem água canalizada ou eletricidade, sendo as suas refeições exclusivamente constituídas de Palinka e batata cozida, utilizando as mãos para comer; movimentam-se em conjunto, coordenados como um par de bailarinos sem alma, ensaiados pela repetição, numa atitude apática, sem indícios de qualquer prazer ou dor — como se apenas existissem.

Os longos e lentos planos-sequência, típicos de Béla Tarr, testemunham cada tarefa desempenhada, em *tempo real*, o que juntamente com a repetição destas ações de cada dia, reforça o peso do passar do tempo e da rotina, na



Figura 1 · Pai e filha executam as suas actividades diárias.

Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

Figura 2 · Personagem à janela. Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

estruturação da vida das personagens. A fotografia do filme, a preto e branco, acentua também o seu carácter sombrio e melancólico.

São acompanhados seis dias desta pequena família, durante os quais a normalidade vai sendo progressivamente quebrada, até atingir a não-existência, sendo estabelecido um paralelo entre os seis dias bíblicos da criação, e os seis dias de Béla Tarr: na história bíblica, durante os seis dias criativos, vão sendo geradas as condições para a vida (Bíblia, Génesis 1:1-31), no sentido não-existência — vida, já o rumo dos seis dias de *O cavalo de Turim* toma o sentido inverso, vida — morte, numa demonstração da forma como o tempo passa, em cada indivíduo, num caminhar para a morte, suscitando assim a reflexão acerca da forma como cada momento de vida é usufruído.

Outra forma do autor questionar acerca de como é fruído cada instante, é através da materialização duma personagem recorrente nos seus filmes: o *Homem à janela* (Jacques Rancière, 2011, p. 37) (Figura 2). Neste caso, as personagens quando se sentam à vez, defronte da janela, ali permanecendo imóveis a olhar para o exterior, não parecem questionar o porvir apresentando-se este gesto, como metáfora do esvaziar da mente e do tempo despendido perante o televisor.

A quebra da normalidade, já mencionada, é apresentada através de alguns episódios que pontuam a história, como prenúncios do fim. Passa-se a destaca-los da narrativa, mencionando-os cronologicamente, bem como dando atenção às reações das personagens aos mesmos, para posteriormente os analisar em conjunto:

3. Seis dias para o fim, ao som da música e do vento

Primeiro dia. Já deitados, o pai chama a atenção da filha:

Pai — O caruncho parou de roer. Há 58 anos que os ouço. Mas agora não se ouvem.

Filha — Porque será, pai?

Pai — Não sei. Vamos dormir.

Segundo dia. O cavalo, depois de já emparelhado recusa-se a andar; mais tarde recebem a visita de um vizinho que num monólogo cataclísmico e irregular, declara que a cidade foi arrasada fazendo uma premonição do Fim. Ao longo monólogo, Ohlsdorfer limita-se a responder ao vizinho: «Deixa-te disso! Que disparate!»

Terceiro dia. O cavalo deixa de comer; passa pela casa um grupo de ciganos barulhentos (Figura 3) que servindo-se da água do poço sem pedir licença,



Figura 3 - Os ciganos tiram água do poço. Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

Figura 4 - A filha puxa a carroça. Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

convidam a rapariga a ir com eles para a América (terra das oportunidades), ela afugenta-os.

Rapariga — Não vou convosco! Deus me livre!

Ciganos — Vais ver que gostas de lá estar!

Rapariga — Não me interessa! Larguem-me!

Antes de partir o patriarca cigano dá à rapariga um livro, dizendo-lhe «Pela água» e na manhã do dia seguinte o poço secou. A rapariga guarda o livro e lê-o. Este, fala dos lugares sagrados profanados e da consequente necessidade de um resgate de penitência. Ainda, ao se afastarem os ciganos cantam «A água é nossa! A terra é nossa! Tu és fraco! Vai morrer longe! Que a morte te leve!» Tanto a canção cigana como o livro tomam a aparência de profecias, ou de pragas lançadas.

Quarto dia. O poço secou; ao se aperceber disso o pai tem a sua única ação reativa e tentam sair do lugar: com a carroça cheia, a rapariga toma o lugar do equídeo e puxa-a, enquanto o pai limitado fisicamente a empurra como pode. O cavalo segue atrás (Figura4) numa patente inversão de papéis entre Homem e animal. Depois de uma breve tentativa, (provavelmente percebendo que a cidade foi mesmo arrasada, conforme o discurso do vizinho) desistem e voltam para trás, retomando a vida levada até aí.

Quinto dia. A escuridão assola-os repentinamente.

Filha — Que escuridão é esta, Papá?

Pai — Acende as lamparinas!

Algum tempo depois, as lamparinas (Figura 5) apagam-se e as tentativas de as reacender são infrutíferas. As brasas do forno também se extinguem.

Filha — O que vem a ser isto?

Pai — Não sei. Vamos para a cama.

Filha — Até as brasas se apagaram!

Pai — Amanhã voltaremos a tentar.

Sexto dia. O sol não nasce. Pai e filha, sentados à mesa, parecem ainda tentar encontrar vestígios de normalidade. O fogo também não terá ateadado, pois



Figura 5 - Candeeiro a petróleo. Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

Figura 6 - O vento forte dificulta a tarefa de trazer água do poço. Fonte: *Frame* do filme de TARR, Béla — *O cavalo de Turim* [2011] [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)

estão em total escuridão e na sua frente têm as batatas cruas que Ohlsdorfer, tenta comer; a filha já desistiu.

Béla Tarr, através da progressão que faz da narrativa, reforça a ideia de que tudo um dia acaba e portanto cada momento de vida deve ser consciente. Paralelamente aborda também o tema do questionamento (ou da ausência do mesmo). Perante os insólitos que se vão sucedendo a atitude de pai e filha nunca diverge, sendo que todas as situações anómalas até podem ser notadas, mas não são passíveis de discussão ou reflexão. A um caruncho que deixa de se ouvir após anos ininterruptos de atividade, ao breu repentino, ou ao fogo que não acende sem razão aparente, a resposta é a mesma «Não sei! Vamos para a cama. Amanhã voltaremos a tentar»; ao vizinho que diz que a cidade foi arrasada: «Que disparate!»; à promessa de um lugar melhor «Não me interessa!» Esta constante atitude de desinteresse, conformismo e resistência à mudança, é mais uma vez uma alusão ao não-questionamento do modo como se dirige a vida, e à forma como se tende ao alheamento das consequências disso sendo uma imagem do poder e do paradigma da atualidade.

A música de Mihály Vig, única existente no filme, irá constantemente, desaparecer e ressurgir; trata-se duma música cíclica, densa e hipnotizante, que confere uma camada de tensão ao filme. Sedutora, quando presente complementa os gestos do par, acentuando através da sua estrutura circular o peso da rotina que estes executam, o peso dos dias iguais.

O vento, fruto de uma tempestade seca que os assola, é a outra constante; nas cenas exteriores ganha uma presença sonora e visual, que à imagem de filmes anteriores, poderíamos sugerir que se trata de mais uma personagem — quem sabe a personificação de um espírito portador de mensagens cataclísmicas omnipresente (Figura 6).

Conclusão

Este filme é, desta forma, uma caricatura algo pessimista ao modo como o Homem frui a vida, por se abstrair do valor da mesma deixando-se absorver pela rotina, sem se questionar ou tentar criar para si momentos de exceção. Conforme a referência do prólogo ao filósofo — estas personagens vivem um modo de vida convencionado, apenas existindo, sem demonstrar vontade de controlo sobre as suas vidas sendo, desta forma, levadas pela vida em vez de a levarem. O autor remete-nos, desta forma, a conceitos Nietzschezianos como o da *vontade de poder* ou a *afirmação incondicional da Vida e do Ser*. Béla Tarr — como Nietzsche — afirma o seu repúdio por tudo o que desvaloriza a dignidade humana, fazendo deste filme a sua derradeira afirmação, ao declarar que será o seu último projeto pois já disse tudo o pretendia (Béla Tarr, 2011b).

Todos, seremos inevitavelmente surpreendidos pelo fim, sendo o fundamental a forma como aproveitamos a viagem, como vivemos cada momento, nas palavras do autor:

A maioria das pessoas ignora o tempo. Eles não tomam em conta o facto de que o tempo não é eterno. E que só temos uma vida. E a questão principal é: a qualidade dessa vida, como estamos a gastar o nosso tempo. O que estamos a fazer. [...] Como podemos mostrar-te a complexidade da vida quando estás só a fazer a tua rotina diária, quando estás só a fazer a tua atividade normal? Qual a diferença entre um dia e o outro? O que acontece contigo entre segunda e quarta? Esta é a pergunta principal que foi importante para nós. Só dizer-te algo que é terrivelmente doloroso. Tu tens uma vida, e estás a fazer a tua rotina diária e a cada dia estás a perder algo. E se não estás envolvido com o tempo então estás a seguir um guião, sabes? E isso é o que não queremos porque para nós o filme não é a história. O filme é para nós mais complexo e rico. Tentamos tocar o universo das coisas a que chamamos “Ser” (Béla Tarr, 2011c).

Referências

- Rancière, Jacques (2011) — *Béla Tarr: le temps d'après*. Terceira edição. Paris: Capricci, 2012.
- Tarr, Béla (2011^a) — *O cavalo de Turim* [filme]. Lisboa: Midas Filmes, 2012. 1 DVD (148 min.)
- Tarr, Béla (2011c) — Entrevista para EnFilme [on-line] publicada a 25 Out 2011 [consulta 2013-01-21], disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=nXV2QTKGGQ-entrevista>
- Tarr, Béla POLLARD, Gary (2011b) Entrevista a Béla Tarr [on-line] publicada a 3 Jan 2011 [consulta 2013-01-21], disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=HPpJoTmleuc>